

## LITERATURA E RESISTÊNCIA NO BRASIL HOJE<sup>1</sup>

Regina Dalcastagnè<sup>2</sup>

Gostaria de iniciar minha fala lembrando de uma entrevista com um grande escritor brasileiro, que se debruçou com ética e desalento sobre o seu tempo. Antonio Callado afirmava que um escritor pode inventar qualquer coisa, menos uma revolução que não aconteceu. Não aconteceu nos anos 70 e não acontecerá hoje. Este não é um país de revoluções, o que não significa que não seja um lugar de profundas e históricas lutas de resistência – que o digam os descendentes dos africanos escravizados, cada menino e menina negros por este país afora. Que o diga Rafael Braga!

Por isso, nessa mesa sobre artes e revolução, vou falar de literatura e resistência no Brasil hoje.

Sartre dizia que a tarefa do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e se considerar inocente diante dele<sup>3</sup>. Pergunto se essa não é a nossa tarefa, também, como pesquisadores e, fundamentalmente, como educadores. A cada vez que entro em uma sala de aula, quando me sento para ler uma tese ou para escrever sobre um livro, quando me vejo nessa posição, em um evento acadêmico sobre literatura, penso o quanto seria inócuo um trabalho, *uma vida*, que ignorasse a sua implicação e a sua responsabilidade com o mundo lá fora, para além dessas paredes que nos protegem e nos sufocam.

Em tempos de golpe de Estado e de avanço dos discursos fascistas no país, gostaria de propor uma breve reflexão sobre as formas de resistência que vêm sendo construídas no interior do campo literário brasileiro, me inserindo, desde já, ao lado daqueles que resistem.

---

<sup>1</sup> Intervenção na mesa “Artes e Revolução”, no XV Congresso Internacional da ABRALIC, na UERJ, Rio de Janeiro, no dia 9 de agosto de 2017.

<sup>2</sup> Professora de literatura brasileira da Universidade de Brasília e Pesquisadora do CNPq. E-mail: rdal@unb.br

<sup>3</sup> Sartre, *O que é a literatura?*, p. 21.

Para isso, é preciso lembrar, antes de mais nada, que o golpe instaurado no país em 2016, e que continua se processando neste momento, tem como objetivo a destruição dos direitos trabalhistas, a entrega das riquezas do país ao capital internacional, a divisão do butim entre os banqueiros, os latifundiários, os especuladores, os donos da grande mídia. Mas que, para conseguir isso, eles precisam conter o movimento de democratização que, de algum modo, se fortalecia no país, especialmente a partir do acesso à educação pública e à cultura. Portanto, esse golpe se estabelece contra os direitos das mulheres, dos negros, dos trabalhadores, dos moradores das periferias, da população LGBT; contra sua inserção social e contra suas formas de expressão. Se estabelece, também, contra o ensino público, gratuito, laico e de qualidade. Não é à toa que temos uma universidade como a UERJ abandonada pelo poder público, sem o pagamento dos salários de seus funcionários e professores, fechada por tempo indeterminado.

Daí a importância de estarmos aqui dentro hoje, *ocupando* esse espaço, essas mesas e cadeiras, esses corredores. Esse encontro se configura, assim, como um manifesto de solidariedade aos que estão lutando contra a destruição da UERJ, entendendo que esta não é uma peça que cairá sozinha. Sabemos bem que a campanha para o fim do que chamam de “injusto ensino gratuito” tem um olho na desoneração do Estado, outro no bolso dos que mercadejam o ensino privado e um terceiro (é, eles são umas aberrações) na possibilidade de perseguição de uma parcela importante da militância contra o golpe, ou seja, nós, professores e estudantes.

Agradeço e parabeno, então, a direção da ABRALIC, representada por João César de Castro Rocha, e toda a equipe de organização, incluindo aí os monitores, estudantes que se empenharam para que pudéssemos estar aqui e expressar nosso descontentamento e nos organizar em torno de uma luta que é urgente e implica a nossa sobrevivência enquanto professores e pesquisadores de literatura.

Afinal, o que podemos imaginar que vá sobrar para nossa área após esse inconcebível desmonte? O que faremos com o anunciado fim das bolsas do CNPq, com o já efetivo desaparecimento dos editais de financiamento para pesquisa, para eventos, para publicação de periódicos, com o contínuo desprezo aos estudos literários na

educação fundamental e no ensino médio? O que diremos aos nossos estudantes, aos nossos orientandos que se preparam para ser professores? O que restará daquilo que acreditamos?

E não me refiro apenas à nossa carreira (o que já é muito sério), mas ao nosso entendimento da função dos estudos literários em nossa sociedade. O que vai muito além da simples “preservação” de um cânone, ou de uma lista de nomes de obras fundadoras em um quadro negro.

O historiador francês Lucien Bianco dizia que “as armas dos fracos são sempre fracas armas”<sup>4</sup>, mas é com elas que teremos que lutar. Nossas soluções serão provisórias e, certamente, angustiadas, mas talvez nos permitam ficar de pé enquanto as coisas não mudam. Podemos usar o discurso, nossa arma principal, para referendar o que querem os poderosos (como fazem alguns colegas e escritores), mas também podemos usá-lo para desmascará-los ou, mesmo, para tirar-lhes o sossego. É tempo de disputar consciências e tentar preservar espaços democráticos de enunciação de discursos, de representações do mundo.

Por menor que seja esse nosso restrito circuito acadêmico e literário, temos muitas frentes de resistência aqui. Elas podem ir desde a produção de autoras e autores negros, pobres e de periferia, que insistem em fazer arte em um mundo que nega valor à sua experiência, e mesmo à sua vida; até a recente retomada da ditadura como tema literário, por exemplo, com o resgate de memórias apagadas e a sinalização de riscos que não são passado, mas, infelizmente, possível futuro para nós.

A resistência passa, ainda, pelo esforço de pequenas editoras, de pequenas livrarias, de coletivos de escritoras e escritores que estão se organizando, nesse instante mesmo, para manter abertos espaços de publicação e divulgação da literatura. Todo um conjunto de pessoas que buscam, de algum modo, se erguer contra o amesquinamento do mundo e o desmonte de nossa cultura.

Outra dessas frentes passa pela nossa atuação como professores e críticos literários, pelo necessário apoio aos nossos estudantes e orientandos em suas escolhas

---

<sup>4</sup> Apud Bourdieu, *La domination masculine*, p. 38.

e em suas dificuldades, pessoais, econômicas, políticas. E passa – não poderia deixar de ressaltar – pela resistência ao nosso próprio conceito de literatura, ao enquadramento que damos ao literário, ao que aprendemos ser o bom, o belo, o correto, o legítimo, à nossa tendência a excluir tudo aquilo que escapa desses contornos tão pré-estabelecidos.

Em todos os extensos levantamentos que venho coordenando a partir da Universidade de Brasília, seja sobre os autores e romances publicados pelas grandes editoras (já temos dados sobre cerca de 700 romances, cobrindo os últimos 40 anos); seja sobre nossa própria produção enquanto pesquisadores da literatura (temos dados sobre mais de 3 mil artigos publicados em revistas A1 – as melhor conceituadas na área – nos últimos 15 anos), é possível observar uma preocupante repetição do mesmo<sup>5</sup>.

Entre os autores e personagens, um mesmo perfil muitas vezes reiterado: brancos, homens, classe média, heterossexuais, moradores de Rio de Janeiro e São Paulo (o mesmo perfil dos autores que são resenhados, premiados, traduzidos e adquiridos pelas bibliotecas).

Entre a produção acadêmica, entendendo-se que os artigos em periódicos sejam reveladores do que se está pesquisando e ensinando nas universidades, vemos os mesmos temas se repetirem, os mesmos escritores sendo estudados, os mesmos teóricos dando suporte à discussão. Nem é preciso dizer que, mais uma vez, esse perfil é branco, masculino, eurocêntrico etc. E, aqui, temos ainda o constrangimento de esclarecer que a maior parte da autoria dos artigos (quase 60%) é composta por mulheres – ao contrário da autoria dos romances, onde as mulheres não chegam a 30%.

Me refiro a esses dados só para lembrar que precisamos refletir sobre nosso modo de olhar o mundo, nos situar e agir nele. Precisamos refletir sobre o que estamos escolhendo legitimar como *literário*, sobre o que estamos excluindo quando fazemos isso e por quê. Precisamos, enfim, pensar sobre o que estamos pensando, como dizia

---

<sup>5</sup> Cf. Dalcastagnè, *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado e Representación y resistencia en la literatura brasileña contemporánea*.

Pierre Bourdieu.

Esse é um chamado a todos nós, professoras, professores e estudantes, mas também aos escritores, editores, tradutores, livreiros, bibliotecários, jornalistas, gestores públicos, curadores... A defesa da literatura brasileira tem de ser a defesa de uma literatura para todos, feita por todos que acreditem ter algo a expressar sobre o mundo.

Com o fim – primeiro *de jure*, agora *de facto* – do Ministério da Cultura, com o fim dos programas de compras de livros para as escolas pelo Ministério da Educação, com a sombra que ronda a universidade pública, com o desaparecimento do ensino de literatura nas escolas, com o avanço da patrulha do pensamento crítico que atende pelo nome risível de “Escola Sem Partido”, o que restará para ser lido e estudado daqui para frente? Meia dúzia de autores iluminados? Seremos os últimos guardiões de textos que já não dirão mais nada a ninguém? Talvez eu esteja sendo muito apocalíptica, não sou da turma dos “tranquilos”. Mas ainda quero crer que podemos manter alguns espaços conquistados.

Ressalto, então, a importância de alguns movimentos que podem ser fortalecidos por nós de diferentes maneiras, a começar pelo efetivo acompanhamento dessa produção.

Primeiro, os coletivos de autoria negra, que têm início no final dos anos 70, começo dos anos 80, com a publicação dos *Cadernos Negros*, por exemplo, e que se desdobram hoje em uma série de editoras especializadas, como a Mazza, a Nandyala, a Pallas, a Oguns Toques Negros, a recentíssima Malês, entre outras, incluindo ainda espaços em sites<sup>6</sup> e blogs, que armazenam e divulgam essa produção, rica, extensa e variada.

Ao lado deles, há os coletivos de periferia, que, como lembra Michel Yakini, escritor, editor e ativista da periferia de São Paulo, ajudam a formar leitores, não só para a literatura produzida ali, mas também aquela publicada pelas grandes editoras:

---

<sup>6</sup> Vale conferir, por exemplo, o Portal da Literatura Afro-Brasileira, com informações biobibliográficas, críticas e excertos de mais de 100 autores, disponível no endereço: [www.lettras.ufmg.br/literafro](http://www.lettras.ufmg.br/literafro).

“tá lá neguinho participando dos saraus com o Leminski da Companhia das Letras embaixo do braço”, ria ele em uma palestra outro dia, pedindo reconhecimento de todo um trabalho cultural que vem sendo realizado nesses espaços.

Também as organizações de mulheres, que estão se juntando para ler, publicar e estudar outras mulheres, ajudam a ampliar o espaço da literatura. A preparação coletiva do Mulherio das Letras, sugerido pela escritora Maria Valéria Rezende, e já com mais de 5 mil mulheres em rede é um marco importante de resistência no campo literário.

Há ainda um jornalismo cultural que resiste bravamente, como o *Suplemento Pernambuco*, por exemplo, e curadores de festivais preocupados em democratizar inclusive espaços comerciais, como fez Josélia Aguiar neste ano.

Por fim, tem uma garotada de diferentes regiões do país se juntando e publicando coletâneas belíssimas em formato digital aqui e ali, disponibilizando seu trabalho gratuitamente pelas redes sociais; e editores empenhados e teimosos, que continuam publicando livros de autores brasileiros, em tiragens reduzidas ou mesmo com impressão livro a livro. Todos fazendo um esforço miserável para divulgar sua produção, muitas vezes ignorada por nós porque ainda valorizamos demais os livros publicados pelas grandes editoras, resenhados pelos grandes jornais e expostos nas prateleiras das grandes livrarias, quando, na verdade, o mais interessante e original está, a meu ver, acontecendo muito longe dali.

Só como exemplo, o belo *Impossível como nunca ter tido um rosto*, livro de Ricardo Aleixo, poeta de Minas Gerais com inúmeras obras publicadas, foi editado por sua própria conta, é vendido diretamente por ele, pela internet, e foi lançado em uma ótica em Belo Horizonte. Já Conceição Evaristo, aos 70 anos de idade, ainda anda com sua malinha cheia de livros para vender ela própria em suas palestras pelo país e mundo afora – nunca são suficientes!

Não custa lembrar que essas obras, de escritores negros, periféricos, de mulheres e mesmo jovens fora do eixo, causam – em diferentes medidas e proporções – uma dissonância em um campo literário que se quer harmônico, estável e

consolidado. A disputa por espaço que esses autores e autoras empreendem não é algo que determinados grupos, determinados críticos e determinados escritores (muito certos de sua própria superioridade) aceitam entender como legítima.

A negação da validade dessas expressões é, como já disse, um dos objetivos desse golpe. A elite brasileira não aguenta ver sua empregada doméstica disputando a vaga do vestibular com seus filhos, não suporta vê-la como professora, não aceita imaginá-la como uma pesquisadora, como uma escritora, como uma artista. Mas elas estão aí!

Cabe a nós a reflexão sobre os significados dessa disputa e o sentido – estético e político – dessas obras. Se eximir dessa discussão é, muitas vezes, já se situar – do lado daqueles que ocupam as posições centrais no campo literário e social. Ser indiferente não me parece ser uma opção hoje, se é que algum dia já foi.

E aqui retomo as palavras de Abel, protagonista do romance *Avalovara*, de Osman Lins (publicado em 1973), e que também é um escritor angustiado com o seu tempo, assim como Antonio Callado e tantos outros e outras:

A indiferença do escritor é adequada à sua presumível elevação de espírito? Para defender a unidade, o nível e a pureza de um projeto criador, mesmo que seja um projeto regulado pela ambição de ampliar a área do visível, tem-se o privilégio da indiferença? Preciso ainda saber se na verdade existe a indiferença: se não é – e só isto – um disfarce da cumplicidade. Busco as respostas dentro da noite e é como se estivesse nos intestinos de um cão. A sufocação e a sujeira, por mais que procure defender-me, fazem parte de mim – de nós. Pode o espírito a tudo sobrepor-se? Posso manter-me limpo, não infeccionado, dentro das tripas do cão? Ouço: 'A indiferença reflete um acordo, tácito e dúbio, com os excrementos'. *Não, não serei indiferente*<sup>7</sup>.

Participar do debate político em um momento de ruptura da democracia, contaminar a própria escrita, ou a crítica, em busca do desmascaramento de um processo autoritário é ainda *acreditar* – nos homens e mulheres e na própria literatura como instrumento de ação. Quando desistirmos de nossa capacidade de acreditar, a luta, enfim, estará perdida.

Gostaria de finalizar minha fala com uma imagem. É do século XIX, dos

---

<sup>7</sup> Lins, *Avalovara*, p. 339-40.

primórdios da fotografia, quando ela não era acessível a todos (e seus dispositivos não podiam ser carregados dentro do bolso traseiro da calça). Durante séculos, gerações viviam e morriam sem ter uma única imagem registrada. A fotografia permitiu isso, a materialização da memória, mas muitas vezes alguém querido falecia antes que se tivesse tempo de fotografá-lo. Daí o surgimento de toda uma engenharia para fotografar pessoas já mortas *como se estivessem vivas*: suportes metálicos para a sustentação dos corpos, maquiagem apropriada antes e pintura na pós-produção da fotografia, entre outras técnicas e estratégias próprias de cada fotógrafo para cada situação.

Com a popularização da fotografia tudo isso foi desaparecendo, é claro. Mas lembrem que as primeiras câmeras fotográficas – os daguerreótipos – exigiam um tempo de exposição muito longo, para que a imagem se fixasse na película de prata que recobria a placa de cobre. Por isso as fotos antigas trazem figuras tão rígidas, ninguém podia se mexer ou a imagem ficaria desfocada.



<https://einerd-static-petaxxoninformat.netdna-ssl.com/wp-content/uploads/2014/08/a-filha-morta.jpg>

Nesta foto, a filha está morta. Reparem como seu rosto é tranquilo e nítido. Enquanto isso, os rostos dos pais perdem clareza e foco. É que respirar gera movimento. Estar vivo impossibilita a fixidez.

Essa imagem, em sua tristeza contida, é uma metáfora sobre a necessidade do

movimento para confirmar a vida, e da necessidade de nos deslocarmos para enxergar o que está vivo ao nosso redor, nos deslocarmos de nossos conceitos fechados, de nossas ideias prontas, que sufocam e paralisam. E não importa que percamos um pouco o chão que nos protege, que não consigamos ver com nitidez completa aquilo que queremos entender, descrever, analisar – é preciso apostar na fertilidade da vida, mesmo quando tudo à nossa volta parece negar suas possibilidades.

Esse é, para mim, o nosso mais significativo gesto de resistência, em direção aos outros e ao imponderável. E a literatura... pode ser um delicado convite para esse movimento.

## REFERÊNCIAS

ALEIXO, Ricardo, *Impossível como nunca ter tido um rosto*. Belo Horizonte: Edição do autor, 2015.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Trad. de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand, s.d. [1989].

BOURDIEU, Pierre (1998). *La domination masculine*. Paris: Seuil.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro/Vinhedo: Editora da UERJ/Horizonte, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Representación y resistencia en la literatura brasileña contemporánea*. Buenos Aires: Biblos, 2015.

LINS, Osman. *Avalovara*. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

SARTRE, Jean-Paul. *O que é a literatura?* Trad. de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989 [1948].